

# CONCLUSÃO\*

## FIGURAS E LAÇOS DE EXPERIÊNCIAS SOCIAIS: MEDIADORES E PASSAGENS

Robert Cabanes e Isabel Georges

Figuras de experiência: experiência pessoal e experiência social mescladas, especialistas de sua própria sociedade, capazes de reunir a experiência de seus próximos, expressar seu sentido até certo ponto, que por sabedoria e experiência de seus próprios limites de conhecimento eles não querem ultrapassar. O que não os impede de julgar, com base em sua própria experiência pessoal e social, aqueles que os dirigem e não podem ser atingidos ou convencidos, mas de quem esperam uma “atitude”, uma política, tanto em relação a eles quanto em relação à sociedade.

### Figuras

Política da humildade. Coquito “faz o social” e desconfia da política: “Se você se mete com um político, você tem o rabo preso”; é ao mesmo tempo seu reconhecimento e sua identidade que ele coloca em jogo. Mas há algo além da dimensão social. Há, em sua “política da humildade”, uma estratégia atenta para evitar as armadilhas da violência entre os pobres, que prega a unidade dos humildes entre si e está nos fundamentos de uma esperança política: esperança de reconhecimento social dos humildes, de princípio entre si mesmos, e pela sociedade, da qual ele desconfia o suficiente para não ficar à sua espera e não fazer desse envolvimento uma prioridade. Para ele, trata-se apenas de promovê-la no seu nível e no seu lugar. Filho de uma prostituta (fato que ele não esconde), apenas uma esposa até hoje, padrinho de mais de trinta crianças do bairro, fundador de uma torcida organizada do Corinthians com um *slogan* peculiar: “Paz nos estádios”, organi-

---

\* Tradução de Fernando Ferrone.

zador de futebol de várzea<sup>1</sup>, no qual tenta promover jogos sem violência, vendedor de livros usados (justamente ele, que nunca pôde estudar) e, agora, presidente do Clube de Futebol de Guaianases, equipe da “elite” local que a elite deixou de lado, Coquito é um grande mediador da moral, à imagem das famílias que categorizamos como “social-festivas”.

Irllys concentra-se na qualidade profissional e pessoal de seu trabalho social. Seu trabalho real vai além do trabalho prescrito, pois sua experiência pessoal e social projetou-a muito além desse meio profissional, o qual ela é capaz de observar com a objetividade de uma agente de saúde atenta a todas as dimensões da vida profissional e social. Aliás, sua compreensão, que chega à semilegitimação do grupo “bandido”, derivada de sua própria experiência de esposa de bandido, coloca-a na posição de mediadora entre grupos pobres, grupos bandidos e profissionais da saúde. Sem perspectiva mais ampla, mas com a preocupação de transformar essa circulação da comunicação entre os três grupos em algo que lhes permita se afastar dos rumos mais radicais pelos quais alguns deles poderiam enveredar: mais violência entre os bandidos, mais desespero entre os pobres, mais indiferença entre os profissionais.

A trajetória de Ana Clara parte de uma posição oposta: nascida num meio social favorecido, o que lhe permitiu estudar Direito, ela conhece, por sua própria história pessoal, as dificuldades da vida, e a descoberta desse meio incita-a a dirigir sua competência profissional nessa direção. Advogada de presos e de sindicatos voltados para a defesa dos trabalhadores sem estabilidade, sua posição é, como a de Irllys, de trabalhadora social, mas “por conta própria”, já que tem uma remuneração instável, e com a diferença de que procura um espaço mais amplo de ação por intermédio de sindicatos que não compartilham suas prioridades e se valem de repertórios de ação diferentes daqueles que ela desejaria.

Florêncio, ao contrário de Coquito, não teve uma trajetória marcada pelas dificuldades recorrentes do subproletariado. Descobriu o social como consequência de um itinerário pessoal de consumo de drogas e justificação da atividade militante de seus pais. Continuando a ação iniciada por sua mãe, tornou-se profissional da ação social explícita numa ONG. O “todo social” em que ele se insere tem duas dimensões: a intervenção, a partir de sua posição de base numa ONG ativa, nos sistemas de representação-parti-

---

<sup>1</sup> Ver Daniel Veloso Hirata, “No meio do campo: o que está em jogo no futebol de várzea”, em Vera da Silva Telles e Robert Cabanes, *Nas tramas da cidade*, cit.

cipação definidos pelos poderes públicos e a preocupação deliberada de propor uma pedagogia que se afirma como corretiva das socializações oriundas da pobreza ou da marginalidade social. Nessa vontade de propor um mundo novo, há também o risco de ele se afastar de um meio que não mudará de um dia para o outro. A revolução pedagógica esgota-se ao se inserir num meio sem perspectivas novas de futuro. E quando ele supera esse problema, corre o risco de cair numa visão de empreendedorismo social, num sindicalismo dos direitos humanos ou numa combinação dessas duas concepções. Ainda não é possível saber se Florêncio é um mediador.

Por outro lado, Rolando trata de ficar atento a todas as atividades e reflexões da juventude para realimentar o circuito de uma comunicação cada vez mais ampla, evitando assim um círculo autorreferenciado, no contexto de uma faixa etária em viã de se “globalizar” que tem pouco a ver com o método “terra a terra” da Teologia da Libertação, mas consegue refletir sobre as mesmas questões e se subtrair das determinações sociais para expressar seu ponto de vista sobre os homens e a sociedade. Essa nova brecha cultural, de expressão já fecunda, visa reunir desde jovens marginais até jovens de classe média estabilizada.

Para Fulgêncio, é o político que configura o horizonte de sua vida, em especial a organização de movimentos sociais, a mobilização social. Repertório clássico de ação que põe os políticos permanentemente diante de suas responsabilidades e conhece altos e baixos. Sempre atento às possibilidades de ação social que remetem ao político para transformá-lo, ele é aceito, pois não são muitas as políticas que propõem mediações políticas críveis, afora o clientelismo e o paternalismo. Ao mesmo tempo, visto do alto, do *establishment* do partido, ele não é totalmente legítimo, na medida em que o partido acredita conhecer a realidade e ser capaz de fazer a planificação de sua política social. Mediador *has been* da perspectiva da evolução da social-democracia no mundo, mas que poderia se firmar numa conjuntura em que o PT não estivesse mais no poder.

Os Racionais, além da “guerra” que sustentam contra os dominantes e seus aparatos de repressão, estão preocupados sobretudo com a unidade do subproletariado, constantemente tentado por soluções imediatistas sem princípios, que com frequência se revelam desastrosas para eles próprios. É por causa dessa desunião que “Jesus chora”. É imbuído do mesmo espírito que o PCC alardeia sua palavra de ordem provocadora: “Guerra à polícia, paz entre os ladrões”. O objetivo é superar uma “guerra civil” absurda. A

unidade do subproletariado não é uma reivindicação nova na história das classes populares; a novidade aqui é a rejeição de qualquer populismo, mesmo moderado, no registro de seu pensamento e de sua ação. Esse é o seu próprio ato de fundação e o que permite apostar em sua durabilidade. A exemplo dos mendigos-criminosos que se tornaram população de rua. Isso não impede as articulações com as ações, ONGs ou formas de intervenção social pública. Sem esquecer que o que se espera dessas articulações é substancial com o objetivo da luta contra os aparatos de repressão e criminalização. E sem esquecer também que essa luta é ambígua, pois é necessário passar por negociações com esse mesmo aparato de repressão, que, por sua vez, depende desses mesmos “crimes” para viver. A polícia existirá sempre, mesmo sem o tráfico, mas não viverá tão bem.

Outra tensão se elabora nas relações sociais de sexo que perpassam todas as classes sociais. Para as mulheres da periferia, a tensão é entre a visão da mãe (produtora da humanidade, a quem é devido apoio absoluto) e, por conseguinte, da esposa (ou qualquer outra mulher em relação conhecida com um homem), ambas enaltecidas no subproletariado como último recurso, última fronteira da civilização, derradeira e final conquista do homem, sem a qual resta somente matar ou morrer, e a visão da autonomia que as mulheres que abandonam seus maridos violentos ou ausentes conquistam, livrando-se de séculos de submissão, e encontram em sua função de mãe (e não mais em sua função de esposa), associada ao trabalho que as torna independentes, um recurso pessoal e social suficiente para contestar seu estatuto de “conquista”, proclamar e colocar em ato seu desejo de igualdade. Há numerosas mediadoras da vida cotidiana nessa linha, assim como mediadores.

### Laços da experiência social

Em maio de 2006<sup>2</sup>, quando os presos de 73 penitenciárias do Estado de São Paulo se revoltaram (violência e seqüestros) e diversas delegacias de po-

---

<sup>2</sup> Sérgio Adorno e Fernando Salla, “Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC”, cit., p. 7-29. O Primeiro Comando da Capital (PCC), surgido em 1993 após massacre de 111 detentos da penitenciária do Carandiru em 1992, é originalmente uma organização-sindicato de prisioneiros que se insurgiram contra as condições desastrosas das prisões e que aos poucos tomou o controle de boa parte do mercado de droga em São Paulo. O movimento de 2006 parece ter sido um protesto contra os regimes especiais de detenção. A rebelião acabou imediatamente depois

lícia foram metralhadas e ônibus, incendiados, eu peguei um táxi no centro da cidade. Falamos dos acontecimentos, o taxista e eu. Descobri que ele morava em Cidade Tiradentes; ele descobriu que era onde eu trabalhava. Depois de algumas trocas de impressões e informações pessoais, ele se sentiu mais à vontade: zombou da covardia dos moradores do centro, que se fechavam em casa no fim do dia, porque tinham medo de que os “acontecimentos” se repetissem, de seu desconhecimento e de seu desprezo pelo que acontecia na periferia, da virtude das pessoas desses bairros, que sabem viver sob risco e se virar sem saber o que é o conforto. Uma vida que os outros, aqueles que vivem no centro, gente sem garra, só conseguem imaginar, com horror, sob a forma da miséria e da violência generalizadas. O corte é claro, forte, indiscutível. Entretanto, o mais espantoso é que esse taxista, ex-operário e parte dos trabalhadores pobres estabilizados, acha legítima a revolta dos presos e a revolta do “mundo do crime” contra a polícia.

No fim desse percurso que relata essas formas variadas de experiência social, esses vaivéns incertos entre o espaço público e o espaço privado e na conjuntura, inesperada, depois das vitórias eleitorais do PT, da decomposição relativa do espaço público, o que parece se estruturar atualmente é uma espécie de “aliança moral na periferia”.

Essa aliança perpassa e reúne, para além das comunidades da vizinhança, camadas médias baixas (professores, trabalhadores sociais, pessoal de ONGs) cansadas da miséria do meio onde moram ou trabalham, comerciantes respeitosos em face dos clientes que garantem sua sobrevivência (ao contrário dos que se embriagam com suas conquistas sociais), trabalhadores pobres estabilizados (funcionários públicos de baixo escalão, camelôs, costureiras em domicílio, pequenos assalariados da indústria e do comércio), “viradores” que vivem o dia a dia, às vezes na ilegalidade (mão de obra para todos os fins, vendedores ilegais), marginais invisíveis que transitam com desenvoltura pelas ilegalidades e se preocupam com a reciprocidade, marginais visíveis (mendigos, moradores de rua, catadores de lixo, flanelinhas), jovens em transição que expressam sua condição por meio de atividades culturais (*hip-hop*, *slam*, grafite, teatro de rua, cineclubes a céu aberto),

---

da conclusão de uma negociação secreta entre um representante do governador de São Paulo e o número 1 do PCC, Marcola, encarcerado na Bahia. O número oficial de mortos é 439, sem distinção entre policiais e bandidos. Segundo a imprensa, a proporção é de dez para um (quatrocentos mortos na periferia, frequentemente às cegas, para cada quarenta policiais mortos). Ver capítulo 10 deste livro.

fazem uma reflexão lúcida e ácida a respeito da sociedade e estão na mira de empresários culturais que viabilizam estreias na mídia. Esse conjunto de pessoas e categorias sociais é ao mesmo tempo rejeitado e atraído pela presença do PCC no meio dessa aliança, nome sulfuroso pouco pronunciado, mas a quem todos atribuem o mérito da redução da violência na periferia.

Mas que aliança? A de vítimas atingidas pela crise e abandonadas pelos poderes públicos, capazes de revoltas inesperadas? A dos 69% de eleitores dos bairros periféricos que votaram pela continuação do PT na prefeitura (2008), enquanto em toda a cidade o resultado final foi 39%? A de um neopopulismo encarnado pelo ex-presidente da República, escolheu uma mulher como sucessora<sup>3</sup>? Se a noção de “democracia socialmente fraturada”<sup>4</sup>, que mantém e aumenta o número de pobres, dá conta da posição da periferia no conjunto social, é no jogo dos mediadores e das mediações que alimentam outra visão da sociedade e da maneira de ser na política. O laço, denominador comum da experiência, parece surgir nessa forma conquistadora da igualdade no espaço privado, pouco visível, mas muito poderosa, nas políticas da humildade ou da amizade, que são reivindicadas entre pares, como na relativa crítica às políticas do paternalismo anacrônico, na utilização inteligente das instituições, segundo o formato político da gestão, e na legitimação de ilegalidades moralmente justificáveis. O fato de que esse conjunto possa ser captado na periferia talvez se deva ao enfoque de nossa pesquisa, que se centrou justamente na periferia. Mas acreditamos que essa centralidade da periferia se deve ao acúmulo de problemas que existem ali: trabalho, escola, saúde, lazer, família, prisão. Já os lugares de concentração do trabalho foram neutralizados, ou porque há um controle tão grande que nem sofrimento nem alegria conseguem se exprimir, ou porque o trabalho desapareceu.

---

<sup>3</sup> Dilma Rousseff carrega o duplo símbolo de mulher e especialista em energia.

<sup>4</sup> Denis Merklen, *Quartiers populaires, quartiers politiques* (Paris, La Dispute, 2009).

Cabanes Robert, Georges Isabel.

Conclusao : figuras e laços de experiências  
sociais : mediadores e passagens.

In : Cabanes Robert (ed.), Georges Isabel (ed.),  
Rizek C. (ed.), da Silva Telles V. (ed.). Saidas de  
emergência.

Sao Paulo : Boitempos, 2011, p. 461-466.

(Estado de Sitio). ISBN 978-85-7559-182-6